



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO

GABRIEL BARROSO ROCHA

**VILA PROPÍCIO – UM OLHAR DIAGNÓSTICO SOBRE A PRÁTICA DO
TURISMO DE AVENTURA**

BRASÍLIA – DF
2018

GABRIEL BARROSO ROCHA

**VILA PROPÍCIO – UM OLHAR DIAGNÓSTICO SOBRE A PRÁTICA DO
TURISMO DE AVENTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso do Centro de Excelência
em Turismo, da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Fagno Tavares de Oliveira

BRASÍLIA – DF
2018

GABRIEL BARROSO ROCHA

**VILA PROPÍCIO – UMA OLHAR DIAGNÓSTICO SOBRE A PRÁTICA DO
TURISMO DE AVENTURA**

Monografia de Graduação apresentada ao Colegiado de Turismo no Centro de Excelência em Turismo na Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Fagno Tavares de Oliveira

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fagno Tavares de Oliveira
Orientador e Presidente da Banca

Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena
Membro da banca

Profa. Me. Dorcas Cabral Santos
Membro da banca

Profa. Dr. Neio Lúcio de Oliveira Campos
Membro Suplente

BRASÍLIA – DF
2018

Dedico esse trabalho a minha família abençoada que sempre me apoiou em meus sonhos e me proporcionou as melhores condições de estudo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus que me deu condições e saúde para estudar na Universidade de Brasília, um sonho desde criança e que pude realizar com a ajuda dos meus pais.

Aos meus amigos e familiares que sempre me apoiaram em meus desafios, estando presentes nos momentos mais difíceis da minha caminhada.

Um agradecimento especial aos meus pais, prestativos, atenciosos e sábios, me ajudaram de forma imensurável, inclusive me acompanhando em minha pesquisa a campo.

A todo o corpo docente do Centro de Excelência em Turismo na UnB que ao longo dos mais de seis anos demonstraram-se compreensivos e atenciosos comigo.

Ao meu Orientador e Professor Dr. Fagno Tavares de Oliveira, sempre solícito e disponível, colaborou com todo seu conhecimento e ajudou-me a desenvolver todo o trabalho com paciência e didática de modo que sem suas orientações eu não conseguiria realiza-lo.

A minha Banca examinadora que prontamente aceitou meu convite para contribuir com seus conhecimentos e vasta experiência, o meu professor e doutor Luiz Spiller, minha professora e mestra Dorcas Santos Cabral e meu professor e Doutor Neio Lúcio.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos discentes e também formandos que colaboraram com apoio e força e influenciaram-me para chegar até o presente momento.

“Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; Porque é melhor a sua mercadoria do que artigos de prata, e maior o seu lucro que o ouro mais fino.”

Provérbios 3:13,14.

RESUMO

A presente monografia tem por objeto de estudo um olhar diagnóstico diante da prática das atividades de turismo de aventura na Vila Propício - GO, território que foi elevado a categoria de município através de seu desmembramento de Pirenópolis em 1975. A pesquisa procura avaliar se tais atividades estão de acordo com as normas de segurança propostas pela ABNT, normas que condicionam sua prática aos níveis mínimos de segurança exigidos para o bem-estar do consumidor e resguardo do prestador de serviços. Para contemplar o objetivo utilizou-se o método exploratório, por meio de uma pesquisa de campo para coleta de dados qualitativos. Durante a visita, além a avaliação, aplicou-se um questionário específico para cada atividade identificada e realizadas pelo turismo de aventura, elaborados de acordo com as normas da ABNT. Devido a abrangência das normas, o questionário abordou três fatores considerados mais importantes para os fins deste estudo: segurança mínima, requisitos gerais e comunicação com cliente, além do exposto, o questionário aplicado foi adaptado de forma a compatibilizar-se com a realidade e as condições de Vila Propício. Posteriormente encerra-se a monografia com uma reflexão sobre os resultados colhidos que demonstram a não adequação das atividades praticadas às normas sugeridas pela ABNT e dessa forma são feitas proposições para adequação e maior segurança, ainda nos resultados, tem-se uma discussão sobre a aplicabilidade de tais normas onde o pesquisador questiona alguns dos requisitos cobrados pelas mesmas e reflete sobre a dificuldade de sua implementação.

Palavras Chave: Turismo de aventura, Vila Propício, ABNT, segurança.

ABSTRACT

The present monograph aims to study a diagnostic view of the practice of adventure tourism activities in Vila Propício - GO, a territory that was elevated to the category of municipality through its dismemberment of Pirenópolis in 1975. The research examines whether such activities are in accordance with the safety standards proposed by ABNT, standards that condition their practice to the minimum levels of safety required for the welfare of the consumer and safeguard of the service provider. In order to contemplate the objective, the exploratory method was used, through a field survey to collect qualitative data. During the visit, in addition to the evaluation, a specific questionnaire was applied for each activity identified and carried out by adventure tourism, elaborated according to ABNT standards. Due to the coverage of the standards, the questionnaire addressed three factors considered most important for the purposes of this study: minimum security, general requirements and communication with clients. In addition to the above, the questionnaire applied was adapted to be compatible with reality and conditions of Vila Propício. Subsequently, the monograph is closed with a reflection on the results obtained that demonstrate the non-adequacy of the activities practiced to the norms suggested by the ABNT and thus propositions are made for adequacy and greater security, still in the results, there is a discussion about the applicability of such norms where the researcher questions some of the requirements charged by them and reflects on the difficulty of their implementation

Keywords: Adventure tourism, Vila Propício, ABNT, security.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da Vila Propício	13
Figura 2: Maiores indústrias do turismo no mundo	15
Figura 3: Ranking de competitividade internacional do turismo.....	16
Figura 4: Impacto do PIB do turismo no Brasil.....	17
Figura 5: Atividades na água	21
Figura 6: Atividades na terra	22
Figura 7: Atividades no ar	23
Figura 8: Lago Azul – Vila Propício, GO	25
Figura 9: Início da estrada de terra para o lago azul	26
Figura 10: Trecho da estrada de terra para o lago	26
Figura 11: Tabela com valores para uso do lago azul.....	27
Figura 12: Lanches servidos	27
Figura 13: Turistas brincam no lago	28
Figura 14: Turista no balanço	29
Figura 15: Placa informativa	29
Figura 16: Arara Canindé. Símbolo da biodiversidade e preservação do local.....	30
Figura 17: Degraus de acesso em trilha em desacordo aos padrões de segurança da norma em referência.....	31
Figura 18: “Corrimão” de apoio em trilhas, em desacordo aos padrões da norma em referência.....	32
Figura 19: “ponte” de acesso em trilhas. Em desacordo aos padrões da norma em referência.....	32
Figura 20: Turista realiza rapel sem capacete. Em desacordo à norma de referência.....	33
Figura 21: Tirolesa no Rio dos Patos. Sem trava de segurança.....	34
Figura 22: Acidente em Tirolesa	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PNT - PLANO NACIONAL DE TURISMO

OMT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO

MTUR - MINISTÉRIO DO TURISMO

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENA EMPRESA

WWTC - WORLD & TRAVEL AND TOURISM COUNCIL

EMBRATUR - INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO

PIB - PRODUTO INTERNO BRUTO

WTO - WORLD TOURISM ORGANIZATION

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	12
	Caracterização da área de estudo	13
	Método de pesquisa.....	13
3	REFERÊNCIAL TEÓRICO	14
	A relevância da atividade turística na economia.....	15
	Turismo de aventura uma atividade em ascensão, uma atividade segura.....	17
	Turismo de aventura contexto e normatização	19
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
	Atividades de turismo de aventura praticadas na Vila Propício - GO	23
	Prática segura do turismo de aventura na Vila Propício.....	24
	Mergulho recreativo x Norma ABNT NBR 24803.....	25
	Caminhadas x Norma ABNT NBR 15505-1	31
	Técnicas verticais x Norma ABNT NBR 54:003.09-001.....	33
5	PROPOSIÇÕES PARA IMPLEMENTAÇÃO DAS NORMAS DE SEGURANÇA PARA AS ATIVIDADES DO TURISMO DE AVENTURA.....	35
	Aplicabilidade das normas ABNT	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
7	REFÊRENCIAS	38
8	APÊNDICE – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO.....	46

1. INTRODUÇÃO

A OMT (Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas) estimou que as chegadas de turistas internacionais ultrapassaram 1,33 bilhão em 2017 e gerou mais de US\$ 1,34 trilhão de dólares em receitas internacionais com o turismo, contribuindo com 10% do PIB mundial, prevê ainda que o turismo internacional crescerá a uma taxa anual de 3,3% até 2030 (OMT, 2017). O rápido crescimento das correntes turísticas, nas últimas décadas, deverá manter-se até que o turismo chegue a ser a atividade econômica mais importante do planeta, com número de transações maior do que o da indústria automobilística e a do petróleo (MAZARO e VARZIN, 2008; WTTC, 2006).

Diante do tamanho crescimento do turismo, não há como negar que o mesmo tem contribuído de forma imprescindível para desenvolvimento econômico e social de muitos países ao redor o mundo, devido ao elevado potencial econômico, o turismo já é um importante contribuinte na geração de emprego e renda, sendo destaque nas maiores potências do mundo, tais como: Estados Unidos, Japão, China, Alemanha e Reino Unido, e dentre os países que mais dependem do turismo para geração de recursos econômicos o Brasil se encontra em 10º lugar (WTTC, 2017).

Quando falamos em turismo de aventura, o Brasil tem uma vantagem em relação aos demais países, sua biodiversidade é a maior do planeta, sendo responsável por 20% da biodiversidade do mundo (MTUR, 2011).

Dentre tantos segmentos ofertados pelo turismo, o de aventura se diferencia dos demais em um quesito específico, a segurança. O elemento risco é inerente as atividades e o praticante bem como o prestador de serviços devem estar cientes disso, a não observação da segurança torna a prática do turismo de aventura algo muito arriscado e que pode trazer consequências sérias, tanto para o usuário quanto para o prestador do serviço e para o próprio atrativo em termos de sustentabilidade turística, pois pode ter sua imagem rapidamente desconstruída diminuindo de forma considerável o fluxo turístico. A questão orientadora desta pesquisa é: Se existem normas de segurança para prática segura do turismo de aventura, quais são elas e se estas são efetivamente aplicadas na prática do turismo de aventura.

Reconhecendo a segurança como elemento imprescindível no turismo de aventura, o presente trabalho busca analisar através de um olhar diagnóstico a prática do mesmo na Vila Propício, no Estado de Goiás, elencando as principais atividades desenvolvidas na localidade e verificando a conformidade ou não às normas de segurança propostas pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo geral: analisar se as principais atividades de Turismo de Aventura na Vila Propício atendem às normas da ABNT, para isto foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) identificar as principais atividades do turismo de aventura praticadas pelos turistas nos atrativos naturais; b) verificar a adoção de medidas de segurança nas atividades praticadas com base nas normas técnicas para atividades de turismo de aventura; c) propor a adequação às normas para as atividades identificadas como em não conformidade e por fim; d) verificar a aplicabilidade das normas ABNT.

O presente trabalho estrutura-se da seguinte forma: 1) Introdução – onde apresenta-se de forma geral a parte essencial do estudo; 2) Metodologia – Onde explica-se qual foi a forma da coleta de dados e qual método de pesquisa em si para execução do trabalho e alcance dos objetivos determinados; 3) Referencial Teórico – Faz uma apanhado geral dos conceitos da atividade de turismo de aventura, apresenta também um panorama da atividade turística no mundo e no Brasil; 4) Resultados e Discussão – São apresentadas as atividades desenvolvidas pelo Turismo de Aventura na localidade e análise sobre o destino, visando compreender se as principais atividades praticadas na Vila estão de acordo com as normas de segurança propostas pela ABNT; 5) Proposições – Aqui são apresentadas as proposições elaboradas pelo pesquisador que diante da realidade das quatro principais atividades praticadas na Vila - Caminhada, mergulho recreativo, tirolesa e rapel - sugere uma adequação às normas de segurança propostas pela ABNT. E por fim, 6) Considerações finais – Onde são apresentados os principais resultados da pesquisa.

2. METODOLOGIA

Caracterização da Área de estudo:

O município de Vila Propício localiza-se a aproximadamente 195km de Brasília, e 200km de Goiânia (ver figura 01). Vila Propício está situada no estado de Goiás e surgiu com a chegada de Joaquim Propício de Pina à região, no início dos anos 50. Em 1951, a família de Joaquim Propício de Pina construiu a primeira escola na região e passou a comercializar alimentos. Posteriormente, em 27 de dezembro de 1995 a Vila foi elevada a categoria de município mediante o desmembramento do município de Pirenópolis, tendo seu nome oficial em reconhecimento ao seu fundador.

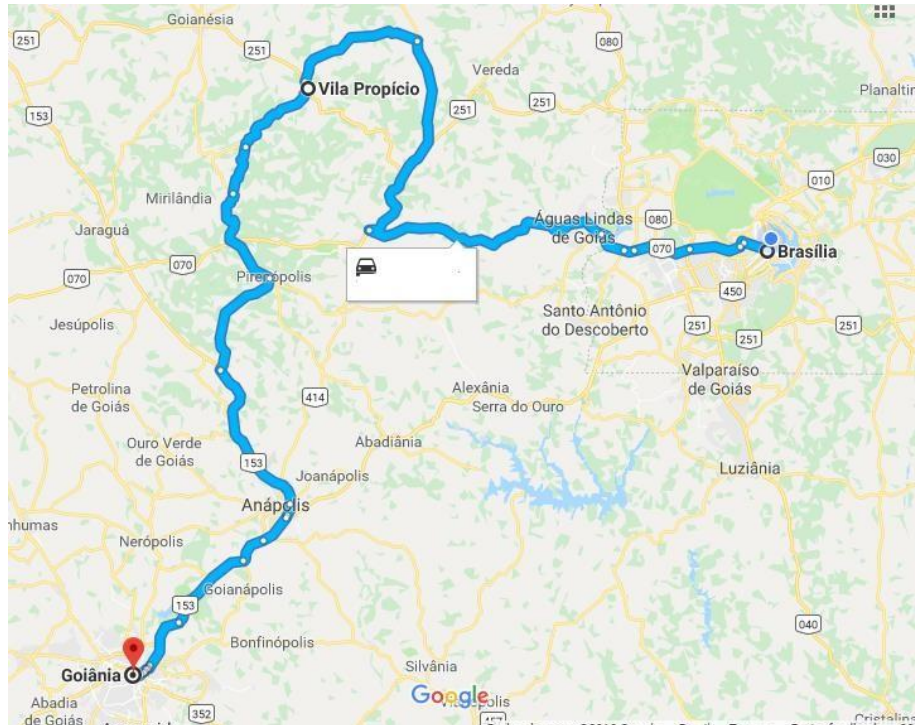


Figura 01 – localização da Vila Propício

Fonte: Mapsgoogle, 2018.

Atualmente, Vila Propício possui uma população estimada de aproximadamente 6 mil habitantes (IBGE, 2017). De acordo com o secretário de turismo da Vila Propício, em termos de recursos naturais, a localidade apresenta o segundo maior complexo de cavernas e grutas do Brasil, com mais de 50 cavernas em uma extensão de 60 km (atrás somente do Parque Estadual Terra Ronca, também em Goiás). Dentre as inúmeras cavernas existentes em seu complexo, destacam-se: Samambaia – a maior da região com mais de 45 metros de profundidade; Chico Pina; Dois Irmãos; Cearense; Tubarão; Lapa do Boqueirão; Três Marias.

Os rios Verde, dos Patos e Maranhão cortam o município e são atrativos que propiciam atividades aquáticas, principalmente para a prática de Boia Cross, além dos belos lagos cristalinos que possibilitam atividades como mergulho e tirolesa, tais como o Lago do Virgílio e o lago Azul.

Métodos de pesquisa

Diante da proposta e dos objetivos do presente trabalho, a metodologia adotada foi a pesquisa exploratória e de caráter qualitativo. De acordo com Vergara (2009, p.45) a pesquisa exploratória “é realizada em áreas na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado.

Por sua natureza de sondagem, não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao fim da pesquisa”.

Tesch (1990, p. 55), por sua vez, lembra que, na investigação qualitativa,

O pesquisador reúne informações que não podem ser expressas em números pois diferentes aspectos surgem durante um estudo qualitativo: as questões de pesquisa podem mudar e serem refinadas à medida que o pesquisador se envolve com os participantes, descobrindo o que perguntar. Esse processo permite ao pesquisador uma interpretação ampla conforme aprende um padrão geral de entendimento a respeito dos códigos surgidos nas entrevistas.

Para a coleta de dados, foi realizada uma pesquisa de campo que compreende uma: “investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não” (VERGARA, 2009, p. 15).

Os dados levantados na pesquisa de campo foram analisados mediante o método qualitativo que “se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação” (CRESWELL2007, p. 22). Dessa forma, a pesquisa tem um viés mais próximo da realidade do local. Neste sentido, foi realizada uma análise descritiva através do levantamento desses dados onde o pesquisador busca entender a realidade estudada sem interferência na mesma e ao mesmo tempo uma análise comparativa, visto que o pesquisador confronta os dados levantados com as normas de segurança propostas pela ABNT na prática do Turismo de Aventura objetivando verificar se as atividades estão ou não em conformidade com as normas sugeridas pela ABNT.

A visita a campo aconteceu entre os dias 20 e 25 de novembro de 2018 onde foram aplicados os questionários criados a partir das normas específicas para as atividades praticadas na Vila Propício. (Ver apêndice).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A relevância da atividade turística na economia

O Brasil está entre os 10 países que mais dependem do turismo (figura 2) de acordo com o The Travel & Tourism Economy (2017), tal situação mostra a necessidade de planejamento e organização da atividade para que o país consiga se tornar uma referência a nível mundial.

The Travel & Tourism Economy (2017) Which Countries are Most Dependent on the Travel Industry?

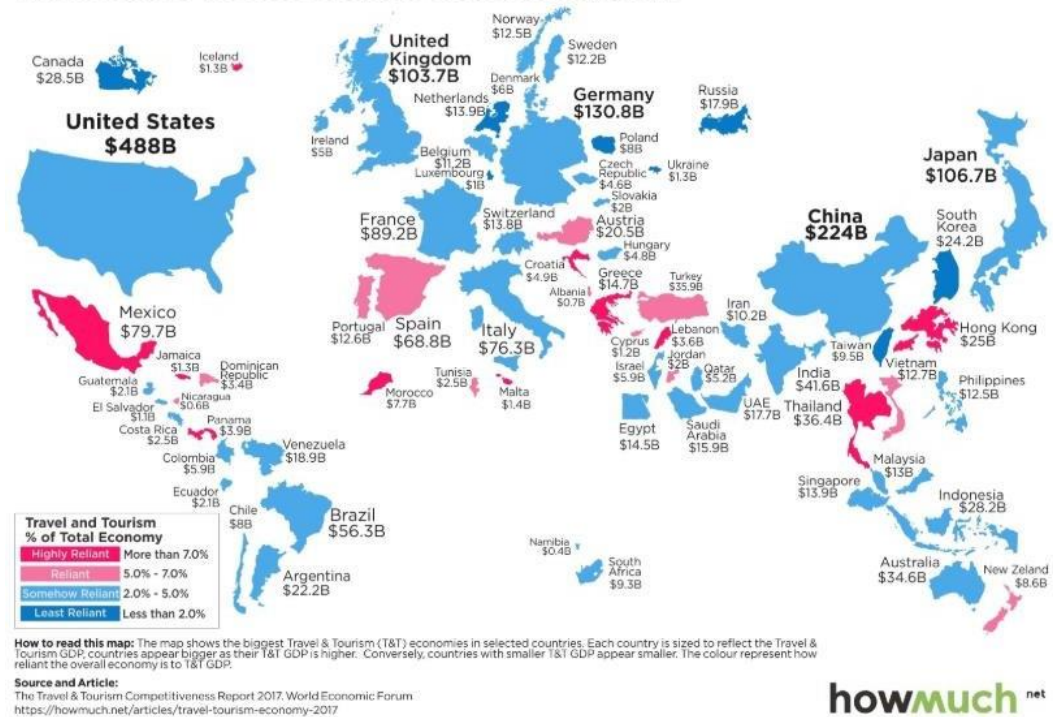


Figura 02- maiores industrias do turismo no mundo. Howmuch.net.2017

Fonte: <<https://howmuch.net/articles/travel-tourism-economy-2017>> acessado em nov.2018

O país se destaca em termos de competitividade internacional, figurando a 27ª posição no ranking de países mais visitados do mundo em 2017. (Ver figura 3).

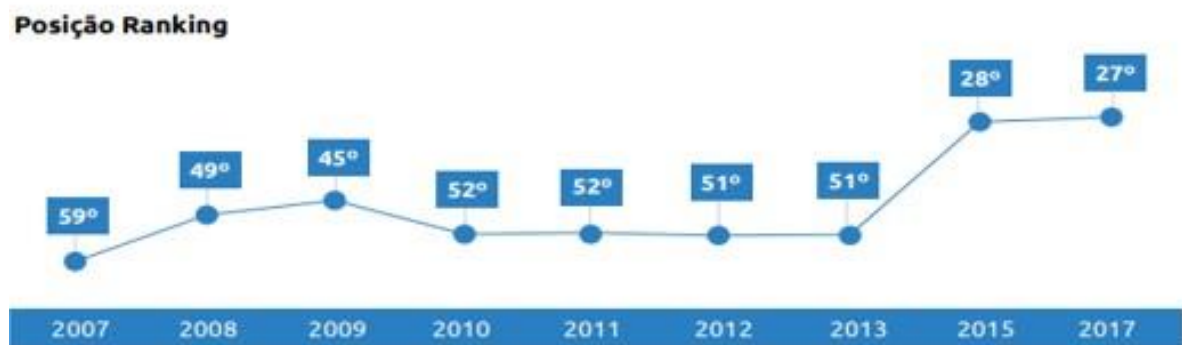


Figura 03. Ranking de competitividade internacional do turismo

Fonte: Fórum mundial de turismo.2017

Em dados recentes apresentados no Plano Nacional do Turismo 2018-2022, a participação direta do turismo na economia do País foi de US\$ 56,8 bilhões em 2016, o

equivalente a 3,2% do PIB e que a contribuição total do setor foi de US\$ 152,2 bilhões, representando 8,5% do PIB Nacional. (Ver figura 04)

A *The World Travel & Tourism Council* (WTTC) estima um crescimento de 3,3% até 2027, chegando à contribuição total do setor na economia em 9,1% do PIB, o equivalente a US\$ 212,1 bilhões. Isso demonstra a força do turismo no Brasil e um potencial crescimento em menos de 10 anos, apenas no ano de 2017. Além disso, conforme a WTTC, o setor gerou mais de 7 milhões de empregos em 2016, o que representa 7,8% do emprego total.



Figura 04– Impacto do PIB do turismo no Brasil.

Fonte: MTUR. PNT 2018-2022

Tais dados confirmam o potencial do turismo para desenvolvimento da economia brasileira (Figura 4), a geração de emprego e renda, o desenvolvimento social, a valorização cultural, a inclusão social são alguns dos benefícios gerados com a prática do turismo no país, o que reforça a preocupação que quanto a qualidade dos serviços prestados no turismo, principalmente quando sua prática envolve a segurança do turista.

Turismo de aventura uma atividade em ascensão.

De acordo com a pesquisa elaborada pelos *US News & World Report*, em conjunto com a consultoria BAV e a escola de negócios Wharton, da Universidade da Pensilvânia em janeiro de 2018 o Brasil é apontado como país ideal para prática do turismo de aventura e é reconhecido

como um dos melhores destinos turísticos do mundo, a pesquisa foi realizada com mais de 50 países que concentram mais de 90% do PIB do mundo.

Nesse contexto Bruhns (2009) destaca que muitos fatores contribuíram para o desenvolvimento das propostas de atividade na natureza, relacionados desde a facilidade de acesso, mídia, acesso a informações, entre outros, já para Soares (2007) o Brasil possui uma oferta variada de destinos para o turismo de aventura, sendo alguns destes destinos, reconhecidos por possuir uma beleza paisagística notável, além de uma abrangente oferta de serviços. Isso tudo contribui para o vasto crescimento do turismo de aventura no País,

De acordo com o Relatório de Impactos do Programa Aventura Segura do Ministério do Turismo (2011), o Brasil é referência em turismo de aventura, principalmente pelo fato do País ter aproximadamente 62% do território nacional coberto por vegetação nativa, possuir 7.408 km de extensão litorânea, ser dono da maior biodiversidade do mundo, representando mais de 20% do total mundial, além de oferecer mais de 230 pontos de referência indicados para a prática do turismo de aventura e mais de 3.000 empresas que oferecem serviços e produtos para esta modalidade, tornando o Brasil um país diferenciado e apto a desenvolver o turismo de aventura.

Conforme o Boletim de Inteligência do SEBRAE (2015), a expectativa de crescimento anual deste segmento é de até 25%, e quanto a média de gastos do turista dessa modalidade, o aumento é de 161% ao ano, o que gera um enorme crescimento econômico. A média de turistas que tem como principal motivação a prática dessa atividade em contato com a natureza soma 5.382.468 por ano com um faturamento total anual em mais de R\$ 500 milhões, e o número de colaboradores envolvidos para realização e comercialização desta atividade passa dos 20 mil.

A natureza das atividades propostas pelo turismo de aventura envolvem riscos, tanto para o consumidor quanto para o fornecedor, e isso demanda que a atividade seja tratada de forma diferenciada, especialmente quanto aos aspectos relacionados à segurança.

A segurança na prática do turismo de aventura envolve pessoas (tanto clientes quanto prestadores de serviços), equipamentos, procedimentos e as próprias empresas prestadoras dos serviços. O que reforça a necessidade de adoção de sistemas de segurança que garantam a proteção dos envolvidos na atividade, portanto, a segurança durante a prática de atividades do turismo de aventura deve ser primazia entre seus fornecedores e usuários e conseqüentemente vem sendo cada vez mais exigida pelos consumidores desse tipo de atividade.

A adoção de normas nacionais de segurança propostas pela ABNT deveria servir como orientações para aplicação de gestão de segurança, conforme o manual de orientações básicas do turismo de aventura (MTUR, 2010). As normas da ABNT possibilitam uma prática mais

segura para todas as partes envolvidas, seus conteúdos resguardam tanto os prestadores de serviço quanto os consumidores da atividade.

3.3 Turismo de aventura, contexto e normatização

As primeiras viagens turísticas datam de muito tempo, precisamente no século XVIII quando Thomas Cook promoveu a primeira viagem organizada da história, sendo reconhecido como um dos primeiros pacotes turísticos de que se tem conhecimento. Diante desta novidade notou-se grandes possibilidades econômicas e a criação de um possível modelo de negócio, foi assim que em 1851, Thomas Cook criou a primeira agência de turismo do mundo, a “Thomas Cook and Son”.

Desenvolvendo sua empresa, o empreendedor começou a organizar viagens em grupos de até 500 pessoas e posteriormente começou a utilizar a publicidade e propaganda, o que levou ao conhecimento internacional de sua marca e o crescimento de seu negócio.

O estabelecimento de parcerias com ferroviários, possibilitou que as pessoas da classe média trabalhadora da Europa comessem a viajar para determinadas localidades, pessoas com o mesmo perfil, visitavam os mesmos lugares e consumindo as mesmas coisas, com isso se desenvolve o turismo de massa.

O turismo de massa então começou a perder importância e passou a ser alvo de críticas por parte das populações e por autoridades locais o que acabou originando as viagens por pacotes. (FLHOS, 2004. p. 11)

Diante da nova demanda que surgia e se diferenciava, pois já não era suficiente conhecer as mesmas coisas e consumir os mesmos lugares, novas ofertas foram surgindo e com isso o turismo começou a segmentar-se de forma a atender esses novos turistas que buscavam experiências diferentes e inovadoras, originando mais de 60 segmentos que se encaixavam cada um em um tipo específico de perfil do turista.

Dentre tantos segmentos que surgiram está o turismo de aventura, que se baseia em características naturais. A palavra aventura – do latim *adventūrus* ("o que advirá"), participio futuro de *advenīre* ("admir") – remete a algo diferente, ao desafio, a certo risco capaz de proporcionar a sensação de prazer, liberdade e superação pessoal, que varia de acordo com a expectativa de cada pessoa e do nível de dificuldade de cada atividade.

O turismo de aventura para o Ministério do Turismo (MTUR), “[...] compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo” (BRASIL, 2005, p.9). Importante destacar o caráter da não competitividade

na sua prática caso contrário, seria classificado como turismo esportivo. De acordo com Machado (2005) turismo de aventura é interpretado como o segmento de turismo que proporciona atividades ligadas à natureza, buscando a superação de limites pessoais com segurança e responsabilidade na utilização do meio ambiente. O turismo de aventura baseia-se em características naturais e ambientais, como montanhas, rios, florestas, etc. Este leva o seu praticante a um contato íntimo com o ambiente e torna-o algo a ser desafiado ou enfrentado (OMT, 2003).

O segmento nasceu através de um grupo de pessoas, oriundas de diferentes localidades, que começaram a desenvolver atividades junto à natureza passando a visualizar a atividade na natureza como um estilo de vida (BRASIL, 2010) e é o segmento de mais rápido crescimento na indústria turística em diversos países (MCKERHER, 2002)

As atividades propostas pelo turismo de aventura variam sob diferentes formatações, seja em função dos destinos onde são operadas, dos equipamentos utilizados ou das habilidades e técnicas exigidas, e também em relação aos riscos inerentes a sua natureza. A partir dessa inter-relação, o MTUR (BRASIL, 2010, p. 16) em suas orientações básicas para o turismo de aventura apresenta três principais características de sua prática, são elas:

Diversidade: A variedade de atividades aventura e de locais das respectivas práticas é considerada fundamental na concepção do segmento, o que exige a compreensão de que cada atividade apresenta diferentes patamares de dificuldade e desafios, o que implica procedimentos e uso de equipamentos específicos. A diversidade das atividades de Turismo de Aventura tende a aumentar pela constante inovação decorrente do avanço tecnológico e da busca contínua de desafios e experiências inusitadas por uma parcela significativa de consumidores. O segmento dinamiza-se pela capacidade de absorver as novas tecnologias que se materializam nos equipamentos e técnicas que, a cada dia, surgem no mercado. Assim, essa característica apresenta-se sob dois enfoques: o primeiro reside no leque de possibilidades de oferta dos produtos; o outro assenta-se na complexidade do processo de planejamento, gestão e promoção desse tipo de turismo

Riscos controláveis: Compreender que as atividades de aventura sugerem determinado esforço e riscos controláveis, que podem variar de intensidade conforme a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do turista, significa entender que a segurança é um dos requisitos imprescindíveis para a realização da vivência turística. Isto é, ao submeter-se a um risco controlável, esse consumidor espera não enfrentar perdas materiais, psicológicas ou físicas. Entende-se por risco a combinação entre a probabilidade da ocorrência de um determinado fato e as possíveis consequências.

Participação e interação: A prática da atividade de Turismo de Aventura favorece o estreitamento da relação positiva entre os turistas, dos turistas com o guia e o condutor, e do turista com o meio ambiente. Dessa forma, promove a troca de experiências e o espírito de camaradagem e, até mesmo, o surgimento de uma cultura própria com linguagem e estilos peculiares. Essa intensa participação do turista como protagonista da vivência o torna a essência do próprio segmento. Essa característica exige cuidados adicionais na gestão da aptidão dos clientes, visando o conforto físico e emocional, a segurança e o prazer da experiência da atividade do Turismo de Aventura. (BRASIL, 2010, p. 16)

Quanto a “tipologia”, o Guia de Orientações Básicas para o Turismo de Aventura utiliza os três elementos da natureza para distinguir as atividades que sua prática engloba: na água, na terra e no ar (Figura 05, 06 e 07).

Atividade	Descrição
Bóia-cross	Atividade praticada em um minibote inflável, onde a pessoa se posiciona de braços para descer o rio, com a cabeça na extremidade frontal da bóia e os pés na parte final da bóia, já praticamente na água. Também conhecida como <i>acqua-ride</i> .
Canoagem	Atividade praticada em canoas e caiaques, indistintamente, em mar, rios, lagos, águas calmas ou agitadas.
<i>Duck</i>	Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis e remos, com capacidade para até duas pessoas.
Flutuação / <i>Snorkeling</i>	Atividade de flutuação em ambientes aquáticos, com o uso de máscara e <i>snorkel</i> , em que o praticante tem contato direto com a natureza, observando rochas, animais e plantas aquáticas. Usualmente utilizam-se coletes salvavidas.
Kitesurfe	Atividade que utiliza uma prancha fixada aos pés e uma pipa de tração com estrutura inflável, possibilitando deslizar sobre a superfície da água e, ao mesmo tempo, alçar voos executados sobre superfícies aquáticas, com ventos fracos ou fortes.
Mergulho autônomo turístico	Produto turístico em que a atividade principal é o mergulho autônomo e o praticante não é necessariamente um mergulhador qualificado.
<i>Rafting</i>	Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis.
Windsurfe	Atividade praticada em ambientes aquáticos, também denominada prancha a vela, que se serve, basicamente, de técnicas do surfe e da vela.

Figura 05. Atividades na água

Fonte: Brasil, 2010

Atividade	Descrição
Arvorismo	Locomoção por percurso em altura instalado em árvores ou em outras estruturas.
<i>Bungee jump</i>	Atividade em que uma pessoa se desloca em queda livre, limitada pelo amortecimento mediante a conexão a um elástico. O elástico é desenvolvido especificamente para a atividade.
Cachoeirismo	Descida em quedas d'água, seguindo ou não o curso d'água, utilizando técnicas verticais.
Canionismo	Descida em cursos d'água, usualmente em cânions, sem embarcação, com transposição de obstáculos aquáticos ou verticais. O curso d'água pode ser intermitente.
Caminhada	Percursos a pé em itinerário predefinido.
Caminhada (sem pernoite)	Caminhada de um dia. Também conhecida por <i>hiking</i> .
Caminhada de longo curso	Caminhada em ambientes naturais, que envolve pernoite. O pernoite pode ser realizado em locais diversos, como acampamentos, pousadas, fazendas, bivaques, entre outros. Também conhecida por <i>trekking</i> .
Cavalgadas	Percursos em vias convencionais e não convencionais em montaria, também tratadas de Turismo Equestre.
Cicloturismo	Atividade de turismo que tem como elemento principal a realização de percursos com o uso de bicicleta, que pode envolver pernoite.
Espeleoturismo	Atividades desenvolvidas em cavernas, oferecidas comercialmente, em caráter recreativo e de finalidade turística.
Espeleoturismo vertical	Espeleoturismo de Aventura que utiliza técnicas verticais. ⁷
Escalada	Ascensão de montanhas, paredes ou blocos rochosos, com aplicação de técnicas e utilização de equipamentos específicos.
Montanhismo	Atividade de caminhada ou escalada praticada em ambiente de montanha.
Turismo fora-de-estrada em veículos 4x4 ou bugues	Atividade de turismo que tem como elemento principal a realização de percursos em vias não-convencionais com veículos automotores. O percurso pode incluir trechos em vias convencionais.
Tirolesa	Produto que a atividade principal é o deslizamento do cliente em uma linha aérea ligando dois pontos afastados na horizontal ou em desnível, utilizando procedimentos e equipamentos específicos.

Figura 06. Atividades na Terra
Fonte: Brasil, 2010

Atividade	Descrição
Balonismo	Atividade aérea feita em um balão de material anti-inflamável aquecido com chamas de gás propano, que depende de um piloto. ⁹
Paraquedismo	Salto em queda livre com o uso de pára-quedas aberto para aterrisagem, normalmente a partir de um avião. Como atividade de Turismo de Aventura, é caracterizado pelo salto duplo.
Voo Livre (Asa Delta ou Parapente)	Atividade com uso de uma estrutura rígida que é manobrada com o deslocamento do peso do corpo do piloto ou por superfícies aerodinâmicas móveis (asa delta), ou até por ausência de estrutura rígida como cabos e outros dispositivos (parapente). ¹⁰

Figura 07. Atividades no ar

Fonte: Brasil, 2010.

Vale destacar que cada uma dessas atividades é formalizada através de uma norma específica da ABNT, tais como: ABNT NBR 15285:2015 que define os requisitos mínimos para um condutor de qualquer atividade do turismo de aventura; ABNT NBR 15334:2016 que estabelece a gestão de segurança e auditoria das atividades; ABNT NBR 15370:2006 que versa sobre a prática do *rafting* e requisitos para seus condutores; ABNT NBR 15383:2006 que planeja atividade de turismo fora de estrada em veículos 4x4 ou *buggies* além de definir os requisitos para prática de tais atividades; ABNT NBR 15397:2006 que estabelece os requisitos necessários para prática do espeleoturismo e também a qualificação necessária para os condutores; ABNT NBR 15398:2006 que apresenta a qualificação necessária para o condutor das atividades denominadas caminhadas; ABNT NBR 15399:2006 que estabelece competências pessoais para o condutor de espeleoturismo; dentre essas e tantas outras que sempre objetivarão a segurança das atividades supracitadas.

Conforme o Guia de Orientações Básicas, tais normas apresentam toda periculosidade inerente à atividade realizada e estabelece parâmetros a serem seguidos com o objetivo de minimizar os riscos e aumentar a segurança. Existem outras normas que regulamentam a realização das atividades do turismo de aventura tais como as do Inmetro, porém para fins do objetivo do presente trabalho serão tidas como orientação as normas da ABNT.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atividades do turismo de aventura praticadas na Vila Propício - GO

Vila Propício, situada próxima de duas grandes capitais emissoras de turistas, Goiânia-GO e Brasília-DF, destaca-se pelas suas belezas naturais e riquíssima biodiversidade. Além de ser detentora do segundo maior complexo de cavernas e grutas do Centro-Oeste, seus atrativos

não se limitam apenas às Cavernas, a abundância de vegetação e a qualidade dos recursos naturais e uma rica fauna consegue atrair os mais diversos olhares dos turistas.

Um número tão vasto de cavernas permite a realização de duas atividades desenvolvidas no turismo de aventura, o espeleoturismo e o rapel. De acordo com o Guia de Orientações Básicas do Turismo de Aventura, as duas atividades podem ser praticadas simultaneamente, visto que para explorar algumas cavernas e alcançar certos salões de visitação, utiliza-se a técnica de deslocamento vertical, o rapel.

Os atrativos naturais de Vila Propício não se limitam às grutas e cavernas, as trilhas e lagos permeiam toda a Vila, dentre os lagos destaca-se o Lago Azul, onde após 12 km de estrada de chão partindo do centro da Vila e uma rápida caminhada o visitante chega ao destino, um lago de águas cristalinas e límpidas, temperatura em média 24 graus e de colora o azul. Debaixo d'água, uma variedade de cores e animais, cores que se misturam e se confundem traduzindo uma beleza primitiva e intocada, a água   tão limpa que o reflexo dos raios de sol e a corrente ajudam a formar um balé de luzes. De acordo com proprietário da fazenda onde se encontra o atrativo na nascente no fundo do lago, a sete metros de profundidade, brotam dois mil litros de água cristalina por segundo, um convite mais que especial aos turistas praticantes do turismo de aventura, além da bela caminhada por entre as matas e trilhas e possível mergulhar no lago e apreciar de perto a biodiversidade aquática do destino.

Para finalizar ainda existe a prática da tirolesa, tida pelo MTUR como uma das chamadas técnicas verticais, que assim como o rapel, consiste no deslocamento vertical, porém com um grau de dificuldade menor. Dentre tantas op es de atividades do turismo de aventura destacam-se quatro principais na Vila: a) caminhada; b) mergulho recreativo; c) rapel e d) tirolesa.

Prática segura do turismo de aventura na Vila Propício

Conforme o objetivo desta pesquisa, foram verificadas a ado o de medidas de segurança nas atividades praticadas configuradas como turismo de aventura utilizando as

normas técnicas da ABNT, a caminhada regulamentada pela NBR 15505-1¹, o mergulho recreativo pela NBR 24803², a tirolesa e o rapel (técnicas verticais) pela NBR 54:003.09-001³. De acordo com a entrevista feita com o secretário⁴ municipal de Turismo de Vila Propício, as quatro atividades mencionadas no capítulo anterior desenvolvidas pelo turismo de aventura são elencadas como as principais da Vila, apontadas pelo próprio secretário como os principais agentes motivadores da viagem dos turistas que buscam a Vila.

Como quesito principal no turismo de aventura, a segurança deve estar presente nessa prática visando à proteção dos turistas e do destino, cumprindo com o objetivo da pesquisa foram aplicados questionários responsáveis pela averiguação da conformidade de tais práticas com as normas de segurança propostas pela ABNT. Foi constatado que nenhum dos atrativos oferecia qualquer tipo de adequação às normas.

Em entrevista com a guia de turismo que realiza os passeios no local, a segurança é prioritária mas cada fornecedor do serviço apresenta ao cliente seus próprios métodos de segurança e em observação as atividades praticadas confirmou-se uma preocupação com a segurança do praticante, mas não em acordo com as normas da ABNT.

Mergulho recreativo e o atendimento à NBR 24803

Dentre os atrativos que possibilitavam a prática do mergulho recreativo foi visitado o principal e mais divulgado: o lago azul. (Figura 08)

¹Norma da ABNT 15505-1 disponível em:

<<http://www.sistemafaemg.org.br/agenteturismo/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20do%20Agente%20de%20Turismo%20Rural/NBR/15505-1.pdf>>.

²Norma da ABNT 24803 disponível em: <<http://tempodefum.dominiotemporario.com/doc/93154100-NBR-ISO-24803-2008.pdf>>

³Norma da ABNT 54:003.09-001 disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/2BAB81808827D630832576BA004EA068/\\$File/NT000439D6.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/2BAB81808827D630832576BA004EA068/$File/NT000439D6.pdf)>

⁴ Secretário Municipal de Turismo na data da pesquisa de campo nov/2018: Sr. Jaime Augusto da Cruz



Figura 08.Lago Azul – Vila Propício, GO.

Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.

A beleza do atrativo realmente precede sua fama, mesmo em época de chuva, sua água se apresentava límpida e cristalina, o acesso não é dos melhores, o turista enfrenta 42 km de estrada de terra (30 km para se chegar até a Vila e mais 12 km para se chegar ao lago - Figuras 09 e 10), mas quem busca o atrativo busca aventura e a próprio trajeto ao lago se torna um divertido passeio.



Figura 09- Início da estrada de terra para o Lago Azul.

Fonte:Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.



Figura 10-Trecho da estrada de terra para o lago.

Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.

Ao fim da estrada de terra o atrativo se encontra em uma área particular, uma fazenda, e pelo valor de R\$ 20,00, dá o direito a passar o dia usufruindo do lago e por R\$ 30,00 a acampar ao redor do mesmo. A estrutura do local é básica, possibilita um banho quente em banheiros masculino e feminino para o pernoite e dispõe de lanches simples para os usuários do espaço. (Ver figuras 11 e 12)

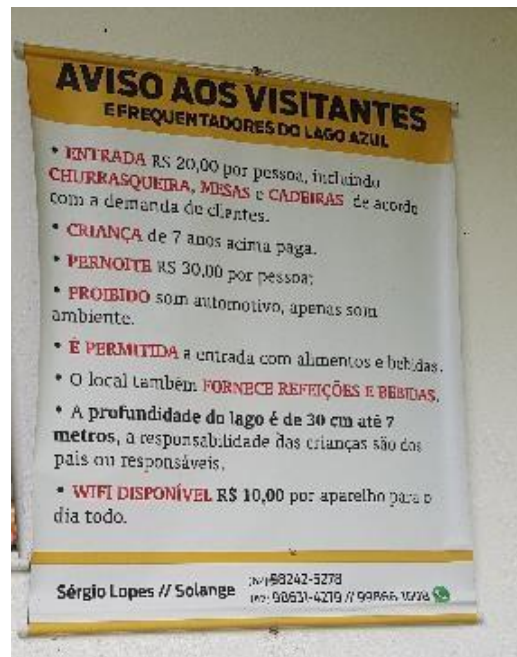


Figura 11 - Tabela com valores para uso do Lago Azul.

Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.



Figura 12 - Lanches servidos.

Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.

Em termos de segurança, o atrativo apresenta boa sinalização (Figura 15) de informação ao turista, tais como área mais profunda e mais rasa do lago, mas peca na disponibilização de kits de primeiros socorros e em até mesmo na supervisão das atividades, que não existem.

O mergulho é feito sem profissionais qualificados, sem acompanhamento e sem a presença de um salva-vidas o que não intimidava nem um pouco os turistas (figuras 13 e 14) que ali estavam. Na entrevista se diziam mais livres encontrando justamente o que procuravam ali, diversão, tranquilidade e paz.



Figura 13 – Turistas brincam no lago.

Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.



Figura 14- Turista no balanço.

Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.



Figura 15- Placa informativa.

Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.

Quanto à preservação, nota-se uma consciência ambiental que não é pregada, mas vivenciada com a limpeza do local e do lago. Ao entrevistar os turistas, responderam que apesar de não existirem placas de não jogar lixo no chão, se sentem na responsabilidade de manter o local limpo e com sua beleza de natureza “intocada”.

Confrontando a norma de referência para atividade praticada com a realidade de sua prática na Vila Propício conclui-se a não adoção ao sistema de segurança proposto pela ABNT NBR 24803. Para tal resultado analisaram-se os seguintes quesitos:

	Existe um kit de primeiros-socorros adequado para as atividades de mergulho planejadas? () SIM (x) NÃO
Águas abertas() Águas confinadas(x)	
Prévia certificação médica do cliente? () SIM (x) NÃO	Existe um sistema de comunicação adequado para alertar serviços de emergência? () SIM (x) NÃO
Observam o número máximo de clientes por operação? () SIM (x) NÃO	Existem procedimentos para recuperação, ressuscitação e remoção de vítimas graves ou fatais? () SIM (x) NÃO
Existe um treinamento prévio para o cliente? () SIM (x) NÃO	Sinalização adequada (x) SIM () NÃO
Há exigência de certificado? () SIM (x) NÃO	Informação dos riscos inerentes à atividade () SIM (x) NÃO

Ainda que em desacordo com as normas de segurança, o local costuma ser bastante visitado e conquista os turistas com suas belezas e unicidades, breve destaque para a interação dos turistas com animais silvestres possibilitando momentos únicos. (Figura 16)



Figura 16 –Arara Canindé. Símbolo da biodiversidade e preservação do local.

.Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.

Caminhada e o atendimento à NBR 15505-1

Quanto as caminhadas, são realizadas por meio das trilhas nos atrativos da Vila Propício, que levam aos atrativos em si, tais como: as trilhas da caverna samambaia, caverna tubarão e as existentes na fazenda onde se localiza o lago azul. Dentre as trilhas realizadas observou-se elementos que atendiam às normas da ABNT, tais como percurso pré-definido, presença de guia certificado, entretanto, a maioria dos itens exigidos pela norma referente às caminhadas não eram observados, dentre tais itens encontram-se:

Os condutores possuem certificado de guia? (x) Conformidade () Não conformidade	Existem medidas que previnam que grupos distintos se misturem? () SIM (x) NÃO
A prestadora do serviço mantém registro dos certificados dos condutores? () Conformidade (x) Não conformidade	Existe um condutor ou auxiliar no início e outro condutor ou auxiliar no fim de cada grupo? () SIM (x) NÃO
Informação dos riscos inerentes à atividade () SIM (x) NÃO	Existem cuidados especiais em trechos com: – fluxo intenso de veículos; – obstáculos; – presença de animais; – locais com perigo de queda; – encontros com outros grupos? () SIM (x) NÃO
Os recursos e meios necessários para a realização da atividade que impactam a segurança estão disponíveis no momento e local previstos? Equipamentos etc () Conformidade (x) Não conformidade	Existem paradas para descanso? () SIM (x) NÃO

Respeitam as limitações de uso existentes para o ambiente visitado? () SIM (x) NÃO	Existe um controle no ritmo de deslocamento? (x) SIM () NÃO
Sinalização adequada () SIM (x) NÃO	Respeitam o número máximo de 10 clientes por condutor? () SIM (x) NÃO
Observam o número máximo de clientes por operação? () SIM (x) NÃO	Existe a possibilidade de um cliente desistir da operação e voltar sem comprometer a organização do grupo? () SIM (x) NÃO
Obedecem a idade mínima de 12 anos? () SIM (x) NÃO	
O percurso está previamente estabelecido e classificado conforme a ABNT NBR 15505-1? (x) Conformidade () Não conformidade	
O itinerário do percurso está documentado? () Conformidade (x) Não conformidade	

Apesar de algumas trilhas apresentarem meios de facilitar o acesso mesmo que em desacordo aos padrões de qualidade exigidos pela norma (figuras 17, 18 e 19), a grande maioria dos itens de segurança não era contemplada, conforme demonstrado acima, dentre os itens não contemplados tem-se o nível de dificuldade da trilha, número máximo de pessoas por guia, sinalizações, etc.

A não observação a tais itens componentes da NBR 15505-1, tornam as caminhadas opções arriscadas para o turista, um eventual acidente pode comprometer a sustentabilidade do atrativo enquanto destino turístico e a proteção da vida do visitante.

As trilhas são bonitas, as paisagens permeadas são belíssimas e durante uma caminhada é possível ver a diversidade natural e abundância da vegetação nativa mas alguns itens cobrados na referida norma não são respeitados, tais como sinalização inadequada em áreas de maior risco, como pontes ou desníveis perigosos, como demonstram as figuras abaixo:



Figura 17 –Degraus de acesso em trilha em desacordo aos padrões de segurança da norma em referência.Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.



Figura 18 – “Corrimão” de apoio em trilhas, em desacordo aos padrões da norma em referência.
Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.



Figura 19 – “Ponte” de acesso em trilhas. Em desacordo aos padrões da norma em referência.

Fonte: Pesquisa de campo, Nov/2018.

Técnicas verticais e o atendimento a NBR 54:003.09-001

Ainda dentre as principais atividades praticadas na Vila tem-se as técnicas verticais: a tirolesa e o rapel, atividades praticadas no rio verde e o rapel nas cavernas, principalmente nas maiores como a caverna samambaia. Em ambas atividades o mesmo foi constatado como nas outras atividades, existe uma segurança, principalmente nessas atividades onde o uso de capacete é, em teoria, obrigatório (Ver figura 20) e o turista pratica com a supervisão de um guia ou de um profissional qualificado, porém, as normas para tais práticas são numerosas e em nenhum dos atrativos que disponibilizavam tais práticas houve estrita conformidade com as mesmas. Aqui, para o rapel, dentre os itens de segurança não contemplados, encontram-se:

Presença de uma corda estática com comprimento além do tamanho do desnível, com sobra suficiente para os procedimentos da operação? <input type="checkbox"/> Conformidade <input checked="" type="checkbox"/> Não conformidade	Presença de uma corda extra de segurança com o comprimento além do tamanho do desnível, com sobra suficiente para os procedimentos da operação <input type="checkbox"/> Conformidade <input checked="" type="checkbox"/> Não conformidade
Anéis de fita de acordo com à norma? <input type="checkbox"/> Conformidade <input checked="" type="checkbox"/> Não conformidade	Disponibilização de kit primeiro socorros? <input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO
Existe a prévia descrição das características do local onde será realizada a descida, como, altura, caminhada de ida e retorno, entre outros? <input checked="" type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	Existe sistematicamente uma inspeção das ancoragens, estruturas de suporte e eventuais montagens utilizadas? <input checked="" type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
Condutores certificados?	Os resultados da inspeção são registrados?

(x) SIM () NÃO	() SIM (x) NÃO
Prévia orientação quanto ao manuseio da corda e colocação no freio descensor? (x) SIM () NÃO	As áreas de riscos foram definidas e informadas aos clientes? () SIM (x) NÃO
Cuidados necessários relativos ao vestuário e à necessidade de prender os cabelos no que se refere à segurança da prática? () SIM (x) NÃO	Respeita a altura máxima de 150 metros? (x) SIM () NÃO
Instruções quanto ao posicionamento do corpo durante a descida? (x) SIM () NÃO	Existem proteções de corda? () SIM (x) NÃO
Inclui realização de descida em situação simulada em altura para um primeiro contato com a técnica? Fornecem sapatilha de rapel? () SIM (x) NÃO	Existem polias extras? (x) SIM () NÃO
Sinalização adequada () SIM (x) NÃO	Disponibilizam sistemas de segurança para a aproximação em locais com risco de queda significativo? () SIM (x) NÃO
Informação dos riscos inerentes à atividade () SIM (x) NÃO	

No rapel, a segurança transmitida estava nos equipamentos fornecidos e nos profissionais que acompanhavam a realização da atividade. Os turistas são acompanhados de perto, e sempre que possível a descida é feita juntamente com o profissional. Quanto a tirolesa o mesmo se verificou, mais uma vez existe a não adoção aos quesitos mínimos de segurança (exemplo na figura 21), quesitos como os demonstrados abaixo:

Condutores certificados? () Conformidade (x) Não conformidade	Existe uma corda extra com comprimento maior que o da tirolesa, de no mínimo 10 mm de diâmetro? () Conformidade (x) Não conformidade
A extensão da(s) corda(s) tem o comprimento suficiente para cobrir duas vezes a distância entre as ancoragens, sem emendas? () Conformidade (x) Não conformidade	Existem proteções de corda ? () SIM (x) NÃO
Cordas de no mínimo 10 mm? (x) Conformidade () Não conformidade	Existem estojo de primeiros-socorros? () SIM (x) NÃO
Presença de um condutor no início da área de lançamento e um condutor na chegada/recepção de cada tirolesa? () SIM (x) NÃO	Existem Polias extras? () SIM (x) NÃO
Há existência de um sistema de frenagem operado por um condutor? () SIM (x) NÃO	Disponibilizam sistemas de segurança para a aproximação em locais com risco de queda significativo? () SIM (x) NÃO
Prévia instrução/demonstração da atividade? () SIM (x) NÃO	

Sinalização adequada () SIM (x) NÃO	Respeita a altura máxima de 150 metros? (x) SIM () NÃO
Informação dos riscos inerentes à atividade () SIM (x) NÃO	



Figura 20 – Turista realiza rapel sem capacete. Em desacordo à norma de referência. Fonte:

<<http://www.vilapropicio.go.gov.br/galerias>>



Figura 21– Tirolesa no Rio dos Patos. Sem trava de segurança.Fonte:
<<http://www.vilapropicio.go.gov.br/galerias>>

Ao fim da pesquisa de campo nota-se a inadequação nas práticas das principais atividades na Vila com as normas de segurança da ABNT.

O destino ainda se encontra em desenvolvimento, em visita à Prefeitura e a Secretaria de Turismo observou-se certo descaso por parte do governo e conforme palavras ditas pelo próprio secretário de turismo, o local tem potencial, mas falta apoio governamental, o mesmo ainda lamentou a falta de material de promoção e a pouca infraestrutura da Vila, inclusive pediu que se possível, levasse algum empresário para conhecer a Vila e investir no local.

As ruas do município são simples, pouca oferta de hospedagem, contabilizada apenas uma pousada durante a visita, pouca oferta de restaurantes, apenas uma churrascaria e que estava fechada em horário de almoço na sexta feira, e alguns poucos bares. O ponto positivo vai para os prestadores de serviço que são em sua maioria moradores da comunidade o que mantém parte dos recursos obtidos com turismo na própria comunidade, além de possibilitar o desenvolvimento local e social com geração de emprego e renda.

Quanto aos resultados coletados na pesquisa de campo, que demonstram que a prática do turismo de aventura na Vila, não se encontram em conformidade às normas de segurança da ABNT, o mesmo resultado coincide com pesquisas feitas por acadêmicos tais como Álvaro Machado e Leandro Bazotti, em 2012 que analisaram o turismo de aventura na Serra Gaúcha e constataram a não conformidade no quesito segurança em alguns dos atrativos da região, os autores ainda ressaltaram em seu artigo a importância da adequação demonstrando que objeto de estudo foi inclusive implementado como lei no estado do Rio Grande do Sul sob a Lei Estadual nº 12.228, que afirma em seu artigo 1º:

O Turismo de Aventura no Estado do Rio Grande do Sul será realizado em observância às normas e diretrizes estabelecidas nesta lei, com a finalidade de ordenar a atividade, preservar os espaços naturais, garantir a segurança dos usuários e qualificar o pessoal envolvido na operação. Assim o Estado passou a ser o primeiro a ter regulamentação própria do Turismo de Aventura. (RIO GRANDE DO SUL, 2005).

O objetivo da lei supracitada foi justamente organizar o segmento de Turismo de Aventura no Estado, com a finalidade de proporcionar qualidade e segurança para os turistas que frequentassem o Rio Grande do Sul, bem como estabilidade aos seus operadores.

A criação e estabelecimento de Lei voltada para o turismo de aventura, poderia funcionar como uma medida para certificação da segurança nos atrativos do turismo de aventura, visto que por meio da lei, em teoria, os fornecedores de tais serviços devem se adequar

para que funcionem de forma legal, o que poderia ser também uma sugestão para Vila Propício, uma lei municipal ou estadual que objetivasse garantir que todas as atividades praticadas na Vila possuíssem sistema de segurança de nível nacional, respeitando as normas elaboradas pela ABNT. A medida contribuiria até mesmo como um diferencial, um marketing positivo para a localidade enquanto destino turístico, podendo inclusive gerar mais credibilidade frente ao turista, que se sentiria mais seguro sabendo que todas as atividades do turismo de aventura se apresentam em acordo aos padrões de qualidade e segurança da ABNT.

5. PROPOSIÇÕES PARA IMPLEMENTAÇÃO DAS NORMAS DE SEGURANÇA PARA AS ATIVIDADES DO TURISMO DE AVENTURA

O Turismo de aventura é um segmento do turismo que possui uma característica diferenciada, o risco, a grande maioria dos turistas procura pacotes que envolvem aventura, emoção e risco. Porém, isso não significa que os participantes estão pagando para sofrer algum tipo de acidente. O que ocorre é que no turismo de aventura esse elemento inerente à atividade, deve ser devidamente minimizado seguindo normas de segurança existentes em nosso país.

No Brasil, os casos de acidentes que envolvem o uso inadequado de equipamentos em diversas modalidades de aventura, seja nas práticas esportivas ou nas operações turísticas são realidade, casos de negligência, imprudência e imperícia estão gerando aumento dos acidentes e fatalidades.

A prática inadvertida ocorre em todas as formas de utilização do Turismo de aventura, o rápido crescimento do segmento acaba por apressar a criação de produtos que acabam funcionando de modo inadequado o que provoca diversas consequências. Para o turismo, além do risco da perda irreparável de uma vida, existe a possibilidade do segmento turístico sofrer uma decadência.

O interesse comercial e o “modismo aventura” tem gerado uma banalização da atividade com a proliferação do risco em toda parte. No turismo de aventura a pressão comercial não deve colocar em primeiro lugar os resultados financeiros frente a segurança do turista, visto que o resultado disso pode ser a morte.

Jovem que caiu de tirolesa permanece em coma e estado é grave, diz primo

Denis dos Santos sofreu paradas respiratórias e segue internado no Huerb, em Rio Branco. Jovem caiu de um salto de tirolesa no último dia 16 de abril.

Por Quésia Melo, G1 AC — Rio Branco



Figura 22- Acidente em Tirolesa: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/jovem-que-caiu-de-tirolesa-permanece-em-coma-e-estado-e-grave-diz-primo.ghtml>

Por tal motivo a segurança é requisito imprescindível à prática segura do Turismo de aventura, basta um descuido para não somente prejudicar o consumidor como também contribuir para o possível fim da prática na localidade, sabe-se que as chances de acidente sempre estarão presentes, mas é um trabalho do prestador do serviço assegurar que essas chances sejam minimizadas ao mesmo tempo que devem estar preparados para eventuais emergências, evitando dessa forma, piores consequências.

Com tantos recursos naturais Vila Propício sabe da importância do turismo, e por isso o município é uma das localidades mais procuradas para prática do turismo de aventura.

O turista tem a oportunidade de conhecer, aprender e valorizar a importância da floresta tropical e os habitantes que nela vivem, os principais responsáveis pela sua conservação. A interação do homem com a natureza, e a valorização da rica diversidade biológica da floresta tropical e do cerrado é um dos ensinamentos que a prática do turismo pode oferecer.

Vila propício se apresenta com um enorme potencial de crescimento, a localidade não perde em termos de atrativos, pelo contrário, com tantas possibilidades e ofertas diferentes, o destino destaca-se dos demais além da distância que se torna um diferencial, visto que o município está a menos de 200 km de Brasília e Goiânia, polos emissores de turistas no Centro-Oeste do País.

Quanto as atividades desenvolvidas na Vila: a) Caminhada b) Mergulho recreativo c) Tirolesa e d) Rapel, diante dos resultados obtidos, percebe-se uma necessidade de adequação às normas sugeridas pela ABNT, em todas essas atividades apresentadas como principais, pois essa adequação pode ser percebida como diferencial pelo cliente que muitas vezes, sabendo dos

riscos intrínseco nas atividades do T.A informa-se a respeito da segurança e nessa busca, tem fácil acesso a tais normas. Isto, pode influenciar ou não sua decisão de praticar tais atividades ou até mesmo de ir ao destino turístico. Independentemente da ciência ou não do cliente acerca da existência das normas, estas devem ser observadas para garantir a segurança das atividades praticadas e conseqüentemente garantir a sustentabilidade dos atrativos enquanto destino turístico.

A não fiscalização das atividades desempenhadas facilita a não formalização dos prestadores do serviço no T.A e em consequência disso tem-se a não conformidade com as normas sugeridas pela ABNT.

Aplicabilidade das normas ABNT

Em contraponto à necessidade de implementação das normas para prática segura do turismo de aventura tem-se a dificuldade da efetiva conformidade das atividades aos itens requeridos justamente pelas especificidades das normas referidas, isso deve-se ao fato de que nem sempre os destinos turísticos de turismo de aventura possuem uma mesma realidade e características, isto é, um questionário aplicado em determinada localidade, não deve ser o mesmo aplicado em outra, pois, cada território tem diferenciais e características próprias o que demanda uma adaptação de cada norma proposta pela ABNT.

Não se pode exigir de destinos diferentes os mesmos resultados, bem como não se pode avalia-los de forma igual, deve observar que a isonomia na presente questão se apresenta na forma de tratamento diferenciado, reconhecendo as unicidades de cada localidade e desta forma adequando a aplicabilidade das normas propostas. Por tal motivo houveram adaptações nos questionários previamente apresentados para realizar uma avaliação condizente com a realidade local de Vila Propício, e o que se nota é que mesmo com adaptações, existem itens que entram em não conformidade não pela incapacidade de condutores ou de segurança do atrativo ou atividade desempenhada no mesmo, mas sim pela natureza da forma como as atividades são praticadas.

Dessa forma, até que ponto a aplicabilidade de tais normas para julgar uma atividade como sendo segura ou não se faz justa em um determinado atrativo, em uma determinada atividade do turismo de aventura? A ausência de alguns itens requeridos pelas normas em referência para cada atividade torna a atividade totalmente insegura e impraticável? Todos os itens abordados se inserem no contexto da realidade local em que as atividades são praticadas?

Deve existir uma preocupação por parte do olhar do pesquisador em notar que algumas das exigências propostas por tais normas, simplesmente não competem com a realidade local que por tal motivo devem ser repensadas, o que remete ao caso da Vila Propício, onde muitas das atividades avaliadas, apesar de não preencherem todos os requisitos, ou, concordarem apenas parcialmente com os requisitos das normas, possuem certo nível de segurança, nível inclusive suficiente para deixar os turistas que praticam tais atividades confiantes e encorajados à prática.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza de recursos naturais da Vila Propício, a proximidade de grandes centros urbanos, povo e infraestrutura acolhedora a transformam em um excelente destino turístico, principalmente quanto à prática do turismo de aventura. A biodiversidade, o complexo espeleológico, os rios e lagos, trilhas e matas possibilitam uma diversidade de atividades que se destacam dos demais destinos de turismo de aventura no Centro-Oeste.

A presente pesquisa demonstrou a importância da segurança na prática do turismo de aventura, e em um destino ainda não massificado e não tão conhecido deve priorizar a não ocorrência de acidentes para que este possa vir a se consolidar no mercado turístico.

As principais atividades praticadas pelo turismo de aventura em Vila Propício são: caminhada, tirolesa, rapel e o mergulho. Essas atividades não encontram-se em conformidade com as normas da ABNT, isso pode contribuir negativamente para a formação da imagem do destino quanto a prática do turismo de aventura, além é claro de tornar a realização das atividades muito perigosa.

Vale ressaltar que a aplicabilidade das normas devem ser levadas em consideração a realidade local, levando sempre em consideração o contexto em que tais atividades são praticadas, como são praticadas e por quem são praticadas, fazendo assim as adaptações necessárias para que as diferenças e unicidades de cada atrativo ou destino turístico sejam reconhecidas e devidamente respeitadas.

7. REFÊRENCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas. Sítio oficial. Disponível em <http://www.abnt.org.br>

ALMEIDA, Fabiana Oliveira; Sarmiento, Lawrence G. Pereira. Turismo de Aventura. Disponível em: . Acesso em: 10/06/2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Evolução do PIB – variação anual, em %. Disponível em: Acesso em outubro de 2018.

BARRETTO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas: Ed. Papirus, 2003

BECKER HS. Métodos de pesquisa em ciências sociais. 2a ed. São Paulo: HUCITEC; 1994.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de aventura: Orientações Básicas 3ª Edição, 2010

BRASIL. Ministério do Turismo. Plano Nacional de Turismo - 2018-2022. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/images/mtur-pnt-web2.pdf> : Acesso em novembro de 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. Extrator de Chegadas de Turistas Internacionais ao Brasil. Disponível em: < <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/extrator-turistas.html>> Acesso em novembro de 2018.

BRASIL, Ministério do Turismo; ABETA, Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil. 2009.

BRASIL, Ministério do Turismo; ICBC, Instituto Casa Brasil de Cultura. Destinos Referência em Segmentos Turísticos. Goiânia: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura: Relatório diagnóstico. Brasília, 2005. Disponível em: Acesso em: 20 jan. 2014.

BRUHNS, Heloisa T. Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Ijuí, v.18, n.2, p.86-92, 1997a.

BRUHNS, Heloisa T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, Célia M.; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Campinas (SP): Papirus, 1997b.

BRUYNE, Paul de. HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. Dinâmica da pesquisa em Ciência Sociais: os pólos da prática metodológica. p. 201.

DIAS, Reinaldo. Introdução ao turismo. São Paulo: Atlas, 2008

DIAS, Reinaldo. Planejamento do Turismo: Política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo, Atlas, 2003.

DIAS, Reinaldo. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LÓPEZ-Richard, V., & Chinágli, C. (2004). Turismo de aventura: conceitos e paradigmas fundamentais. *Revista Turismo Em Análise*, 15(2), 199-215. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v15i2p199-215>

MAZARO, R. M.; VARZIN, G. Modelos de competitividad para destinos turísticos en el marco de la sostenibilidad. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 12, n. 3, art. 8, p. 789-809, 2008.

MACHADO. A. (2005). Ecoturismo: um produto viável. Editora Senac. São Paulo.

MCKERHER, B. Turismo de Natureza: Planejamento e Sustentabilidade. São Paulo: Contexto, 2002.

Ministério do Turismo. Sítio oficial. Disponível em <http://www.turismo.gov.br>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO – OMT. International Network on Regional Economics –ENROUTE. Disponível em: Acesso em outubro de 2018.

Programa Aventura Segura. Sítio oficial. Disponível em <http://www.aventurasegura.org.br>

RIO GRANDE DO SUL, 2005. LEI Nº 12.228, DE 05 DE JANEIRO DE 2005. (publicada no DOE nº 03, de 06 de janeiro de 2005)

RODRIGUES, Arlete M. A questão ambiental e a (re)descoberta do espaço: uma nova relação sociedade/natureza? *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo (SP), n.73, p.35-71, 1994. Sociedade Brasileira de Espeleologia. Sítio oficial. Disponível em <http://www.sbe.com.br>

Site da prefeitura de Vila Propício Disponível em: <http://www.vilapropicio.go.gov.br/home>

Turismo de Aventura – Busca e Salvamento: Manual de Criação e Organização de Grupos Voluntários de Busca e salvamento. Brasília: Ministério do Turismo, 2005. Disponível em <http://www.turismo.gov.br>

VERGARA, Sylvia Constante. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas, 1997

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL - WTTC. “Travel & tourism economic impact 2017. Brazil”. Disponível em: <https://www.wttc.org/-/media/files/reports/economic-impact-research/countries-2016/brazil2016.pdf>

World Trade Organization. Sítio oficial. Disponível em <http://www.wto.org>

APÊNDICE

QUESTIONÁRIOS APLICADOS:



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo

FORMULÁRIO

Atividade de T. A - Caminhada	
ABNT NBR 15505-1	
Requisitos Gerais	
Exigências de segurança	
Comunicação com Cliente	
Os condutores possuem certificado de guia? () Conformidade () Não conformidade	Existem medidas que previnam que grupos distintos se misturem? () SIM () NÃO
A prestadora do serviço mantém registro dos certificados dos condutores? () Conformidade () Não conformidade	Existe um condutor ou auxiliar no início e outro condutor ou auxiliar no fim de cada grupo? () SIM () NÃO
	Existem cuidados especiais em trechos com: – fluxo intenso de veículos; – obstáculos; – presença de animais; – locais com perigo de queda; – encontros com outros grupos? () SIM () NÃO
Os recursos e meios necessários para a realização da atividade que impactam a segurança estão disponíveis no momento e local previstos? Equipamentos etc () Conformidade () Não conformidade	Existem paradas para descanso? () SIM () NÃO
Respeitam as limitações de uso existentes para o ambiente visitado? () SIM () NÃO	Existe um controle no ritmo de deslocamento? () SIM () NÃO
	Respeitam o número máximo de 10 clientes por condutor? () SIM () NÃO
Observam o número máximo de clientes por operação? () SIM () NÃO	Existe a possibilidade de um cliente desistir da operação e voltar sem comprometer a organização do grupo? () SIM () NÃO
Obedecem a idade mínima de 12 anos? () SIM () NÃO	Sinalização adequada () SIM () NÃO
O percurso está previamente estabelecido e classificado conforme a ABNT NBR 15505-1? () Conformidade () Não conformidade	Informação dos riscos inerentes à atividade () SIM () NÃO
O itinerário do percurso está documentado? () Conformidade () Não conformidade	

Atividade de T. A - Mergulho	
ABNT NBR 24803	
Requisitos Gerais	
Exigências de segurança	
Comunicação com Cliente	
	Existe um kit de primeiros-socorros adequado para as atividades de mergulho planejadas? () SIM () NÃO
Águas abertas() Águas confinadas()	Existe um sistema de comunicação adequado para alertar serviços de emergência? () SIM () NÃO
	Existem procedimentos para recuperação, ressuscitação e remoção de vítimas graves ou fatais? () SIM () NÃO
Prévia certificação médica do cliente? () SIM () NÃO	Existem informação (incluindo detalhes de contato) sobre os recursos médicos mais próximos (incluindo informação sobre a disponibilidade de câmara hiperbárica) () SIM () NÃO
Observam o número máximo de clientes por operação? () SIM () NÃO	Sinalização adequada () SIM () NÃO
Existe um treinamento prévio para o cliente? () SIM () NÃO	Informação dos riscos inerentes à atividade () SIM () NÃO
Há exigência de certificado? () SIM () NÃO	

Atividade de T. A- Técnicas Verticais:Rapel(Máx. de 150 metros)	
ABNT 54:003.09-001	
Requisitos Gerais Exigências de segurança Comunicação com Cliente	
Presença de uma corda estática com comprimento além do tamanho do desnível, com sobra suficiente para os procedimentos da operação? () Conformidade () Não conformidade	Presença de uma corda extra de segurança com o comprimento além do tamanho do desnível, com sobra suficiente para os procedimentos da operação () Conformidade () Não conformidade
Anéis de fita de acordo com à norma? () Conformidade () Não conformidade	Disponibilização de kit primeiro socorros? () SIM () NÃO
Existe a prévia descrição das características do local onde será realizada a descida, como, altura, caminhada de ida e retorno, entre outros? () SIM () NÃO	Existe sistematicamente uma inspeção das ancoragens, estruturas de suporte e eventuais montagens utilizadas? () SIM () NÃO
Condutores possuem certificado? () SIM () NÃO	Os resultados da inspeção são registrados? () SIM () NÃO
Prévia orientação quanto ao manuseio da corda e colocação no freio descensor? () SIM () NÃO	As áreas de riscos foram definidas e informadas aos clientes? () SIM () NÃO
Cuidados necessários relativos ao vestuário e à necessidade de prender os cabelos no que se refere à segurança da prática? () SIM () NÃO	Respeita a altura máxima de 150 metros? () SIM () NÃO
Instruções quanto ao posicionamento do corpo durante a descida? () SIM () NÃO	Existem proteções de corda? () SIM () NÃO
Inclui realização de descida em situação simulada em altura para um primeiro contato com a técnica? Fornecem sapatilha de rapel?() SIM () NÃO	Existem polias extras? () SIM () NÃO
Sinalização adequada () SIM () NÃO	Disponibilizam sistemas de segurança para a aproximação em locais com risco de queda significativo? () SIM () NÃO
Informação dos riscos inerentes à atividade () SIM () NÃO	

Atividade de T. A- Técnicas Verticais:Tirolesa(Máx. de 150 metros)	
PROJETO ABNT 54:003.09-001	
Requisitos Gerais Exigências de segurança Comunicação com Cliente	
Condutores Certificados () Conformidade () Não conformidade	Existe uma corda extra com comprimento maior que o da tirolesa, de no mínimo 10 mm de diâmetro? () Conformidade () Não conformidade
A extensão da(s) corda(s) tem o comprimento suficiente para cobrir duas vezes a distância entre as ancoragens, sem emendas? () Conformidade () Não conformidade	Existem proteções de corda ? () SIM () NÃO
Cordas de no mínimo 10 mm? () Conformidade () Não conformidade	Existem estojo de primeiros-socorros? () SIM () NÃO
Presença de um condutor no início da área de lançamento e um condutor na chegada/recepção de cada tirolesa? () SIM () NÃO	Existem Polias extras? () SIM () NÃO
Há existência de um sistema de frenagem operado por um condutor? () SIM () NÃO	Disponibilizam sistemas de segurança para a aproximação em locais com risco de queda significativo? () SIM () NÃO
Prévia instrução/demonstração da atividade? () SIM () NÃO	
Sinalização adequada () SIM () NÃO	Respeita a altura máxima de 150 metros? () SIM () NÃO
Informação dos riscos inerentes à atividade () SIM () NÃO	

Ficha catalográfica elaborada
automaticamente, com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

Bv Barroso Rocha, Gabriel
Vila Propício - Um olhar diagnóstico sobre a prática do
turismo de aventura / Gabriel Barroso Rocha; orientador
Fagno Oliveira Tavares. -- Brasília, 2018.
49 p.

Monografia (Graduação - turismo) -- Universidade de
Brasília, 2018.

1. Vila Propício. 2. Normatização. 3. ABNT. 4. Segurança.
5. Turismo de Aventura. I. Oliveira Tavares, Fagno ,
orient. II. Título.